Aula 7

O IMPÉRIO CAROLÍNGIO

META

Analisar a história do Império Carolíngio destacando fatos reveladores das mudanças que preparam o Ocidente europeu para o início dos tempos modernos.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:
conhecer a história dos Francos e, em especial, do rei Clóvis, o verdadeiro fundador do Reino que unificou a Gália; ressaltar a importância da aliança entre os reis francos e a Igreja na formação e consolidação do Império Carolíngio; destacar o papel do renascimento cultural carolíngio como um dos aspectos reveladores das mudanças que marcam o período.

Lenalda Andrade Santos
Bruno Gonçalves Alvaro

INTRODUÇÃO

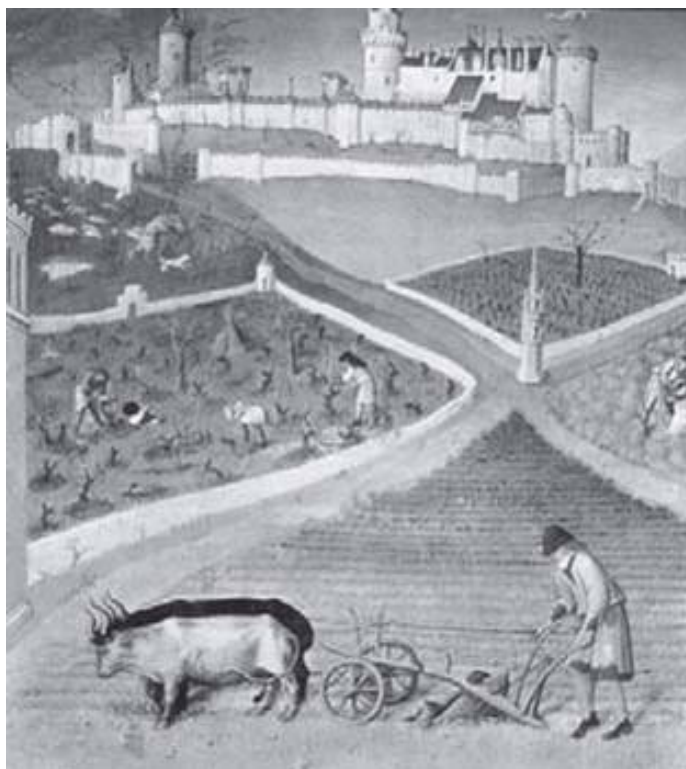
Em aula anterior estudamos as invasões germânicas que assolaram o Ocidente europeu no século V e provocaram o fim da ordem e da unidade imperial nessa parte do continente. Vimos que um dos grupos de invasores era o dos francos e que os mesmos acabaram se estabelecendo na Gália. Ao falarmos na aula passada sobre os ataques que possibilitaram o estabelecimento dos muçulmanos na península Ibérica, referimo-nos também aos francos, dizendo que eles impediram o avanço dos muçulmanos pela Europa.

Os francos habitavam a Bélgica contemporânea antes de partirem para o sul em direção à Gália do Norte. A partir daí foram aos poucos se espalhando pelo território, de forma a conseguirem o domínio sobre toda a região por volta do ano 511.

Nessa primeira fase de expansão os francos foram governados por reis da dinastia Merovíngia, da qual se destaca o rei Clóvis, considerado o verdadeiro fundador do Reino Franco. Já os governantes da dinastia Carolíngia foram responsáveis pela consolidação da hegemonia desse povo germânico sobre a Europa Ocidental, e um deles, Carlos Magno, conseguiu restabelecer a unidade do Império do Ocidente.

(Fonte: Grandes Personagens da História Universal. v. I - São Paulo: Abril Cultural, 1972. p. 224).

OS FRANCOS SOB O GOVERNO DOS MEROVÍNGIOS

Na sua análise das passagens da Antiguidade ao Feudalismo, Perry Anderson distingue duas fases sucessivas nas invasões germânicas. Considera que a primeira, envolvendo tribos de suevos, vândalos, alanos, visigodos, burgúndios e ostrogodos, embora tenha provocado a fragmentação da unidade econômica, política e militar do Império Ocidental, não gerou Estados bárbaros de longa duração.

A imagem da Europa feudal: o servo lavra a terra sob a vista do castelo ao qual está ligado (Fonte: Grandes Personagens da História Universal. v. II - São Paulo: Abril Cultural. 1972. p. 383).

Para ele, "foi a onda seguinte de invasões germânicas que determinou profundamente e de maneira permanente o último mapa do feudalismo ocidental. Os três episódios principais desta segunda fase bárbara foram, naturalmente, a conquista franca da Gália, a ocupação anglo-saxônica da Inglaterra e – um século depois, à sua maneira – o assalto lombardo à Itália." (ANDERSON, 1987, p. 116).

A facilidade de concentrar maior volume de migrantes da mesma tribo ou de aliados por causa da pequena distância entre o local de origem e o território conquistado, a falta de uma resistência organizada, uma sedi-

mentação cultural mais profunda e duradoura, e a construção de formas sociais mais complexas e também mais duradouras, são apontadas pelo autor como indicadores das diferenças que separam a segunda da primeira fase das invasões germânicas.

No século V, partindo de terras da Bélgica contemporânea, os francos começaram a se deslocar em direção à Gália do Norte e foram aos poucos se fixando no nordeste dessa região. Na sua expansão pela Gália os francos subjugaram os burgúndios e expulsaram os visigodos, assumindo o controle sobre toda a região.

Nessa primeira fase de expansão os francos foram governados por reis Merovíngios, cuja dinastia se estendeu de 481 até o ano de 751 e teve em Clóvis seu principal representante.

Além de unificar os francos, buscar promover sua integração com os romanos, destruir o poder dos rivais, impor sua autoridade sobre povos vizinhos e ampliar as fronteiras do Reino até os Pirineus, ao derrotar os visigodos, Clóvis aliou-se à Igreja, convertendo-se ao cristianismo. Dessa forma, tornou-se o único chefe de Estado católico de todo o Ocidente.

Segundo Le Goff, "o golpe de mestre de Clóvis foi o de se converter, com seu povo, não ao arianismo, como os demais reis bárbaros, mas ao catolicismo. Com isto pôde jogar a cartada religiosa e beneficiar-se do apoio, senão do papado ainda fraco, ao menos do poder da hierarquia católica e do não menos poderoso monasticismo."(LE GOFF, 2005, p. 32).

A conversão de Clóvis e seus seguidores ao Cristianismo Católico, no ano de 493, também contribuiu para diminuir o antagonismo entre os francos e os romanos-provinciais derrotados, diferentemente do que aconteceu com outras tribos germânicas. Ou, em outras palavras, a conversão ajudou no processo de fusão dos francos com os romanos, fato importante na história do Ocidente europeu.

A CONVERSÃO DE CLÓVIS (496, 498 OU 506)

"Todavia a rainha não deixava de pedir ao rei que reconhecesse o verdadeiro Deus e abandonasse os ídolos; mas nada o podia levar a essa crença, até que, tendo surgido uma guerra contra os Alamanos, ele foi forçado pela necessidade a confessar o que sempre tinha negado obstinadamente [...]

Então a rainha chamou em segredo São Remígio, bispo de Reims, suplicando-lhe que fizesse penetrar no coração do rei a palavra da salvação. O sacerdote, tendo-se posto em contato com Clóvis, levou-o pouco a pouco e secretamente a acreditar no verdadeiro Deus, criador do céu e da terra, e a renunciar aos ídolos, que não lhe podiam ser de qualquer ajuda, nem a ele nem a ninguém [...]

O rei, tendo pois confessado um Deus todo-poderoso na Trindade, foi batizado em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo e ungindo do santo Crisma com o sinal-da-cruz. Mais de três mil homens do seu exército foram igualmente batizados [...]" (PEDRERO- SÁNCHEZ, 2000, p. 68-69).

Mordomo

Latim majordomus = dirigente da casa. Major, em latim, significa principal, e domus, casa. Nome dado à pessoa responsável pela prefeitura do paço, ou ao "chefe dos intendentes domésticos que exercia funções aparentemente humildes, mas controlava toda a vida econômica da casa real, regulando seus deslocamentos de vila em vila, centralizando os recursos e decidindo do seu destino [...] tornou-se, naturalmente, com a decadência da estirpe real, o principal personagem de um Estado cujos órgãos e funções estavam reduzidos à mais simples expressão".

Após a morte de Clóvis (em 511), seus sucessores deram continuidade à política de expansão, anexando o Reino Burgúndio ao território franco e estabelecendo o domínio sobre os povos germânicos a oeste do Reno. Dessa forma, "Clóvis e seus filhos fizeram dos francos os mais importantes de todos os sucessores bárbaros de Roma, criando a base para a hegemonia franca que dominou a Europa Ocidental por mais de três séculos." (ATLAS DA HISTÓRIA DO MUNDO, p. 106).

Após passar por sucessivos períodos de divisões e reunificações, o Reino Franco voltou a ser unificado no ano de 679, pelo majodormo Pepino de Heristel, pai de Carlos Martel, responsável por deter o avanço do Islã, que acabara de absorver o Estado visigodo na Espanha. Com a vitória obtida na batalha de Poitiers, em 733, Carlos Martel e suas tropas impediram os árabes de ampliarem seu controle sobre a Europa.

No ano 751, com a passagem da coroa dos francos para Pepino, o Breve, encerrou-se o governo da dinastia Merovíngia e teve início a dinastia Carolíngia, responsável pela consolidação do poder dos francos no Ocidente europeu. Cabe aqui o registro da iniciativa de Pepino de doar à Igreja as terras conquistadas aos lombardos. Terras que, junto com o ducado de Roma, transformaram-se em Patrimônio de São Pedro e deram origem ao Estado do Vaticano e ao poder temporal dos papas.

A DINASTIA CAROLÍNGIA

Após assumir o poder no ano de 768, Carlos Magno ampliou o território sob domínio dos francos em "três direções: para o sudeste, na Itália; para o sudoeste, rumo à Espanha; e no leste, na Germânia". O que foi conseguido após derrotar os saxões da Ger mânia, subjugar o Reino Lombardo, na Itália e criar, no sul dos Pirineus, uma fronteira, ou limite tampão, entre as terras dos francos e a Espanha muçulmana.

Com essas medidas Carlos Magno liberou o papado da constante ameaça representada pelos Estados bárbaros e pelos árabes, consolidando, portanto, a aliança dos francos com a Igreja, e criou "uma hegemonia verdadeiramente imperial e cristã".

"No ano 800, a autoridade do rei dos francos expandiu-se de tal maneira que se pensa, nos meios eclesiásticos, em restabelecer a seu favor a magistratura imperial e em reatar, pois o Ocidente acaba de reencontrar sua unidade política e espiritual após três séculos de divisões e de desordens, os laços com a tradição interrompida em 476. No dia de Natal, na basílica de São Pedro de Roma, Carlos Magno, segundo os mesmos ritos seguidos em Constantinopla para a coroação imperial, recebe o diadema, sendo aclamado Imperador dos Romanos. Doze anos mais tarde, Bizâncio reconhece oficialmente o restabelecimento do Império Ocidental." (PERROY, 1964, p. 126).

Aqui é importante se fazer o registro da posição inicial de Bizâncio, contrária à coroação imperial de Carlos Magno, e dizer que o mesmo buscou contemporizar diante da reação antiocidental dos bizantinos. "Em vez de se intitular imperator Romanurum, qualificação que Constantinopla não podia admitir, contenta-se em ser chamado "governador do império romano" e em 812 negocia um compromisso com o basileus Miguel Rangabe: a unidade política do mundo romano é restaurada sob a forma de dois impérios irmãos, Bizâncio abandonando o norte da Itália, a Ístria e a Dalmácia, Carlos Magno renunciando ao titulo de imperador dos romanos". (LE GOFF, 2002, p.131).

A coroação de Carlos Magno marca o início do Império Carolíngio, que vai se estender até o ano de 887, e o surgimento gradual das instituições fundamentais do feudalismo, conforme veremos adiante.

Ilustração alusiva ao apoio da aristocracia laica e eclesiástica ao governo de Charles de Chouve, filho de Carlos Magno (Fonte: Revista L' Histoire, n. 328, fevereiro de 2008. 2008. p. 61).

O Império Carolíngio foi responsável "por um verdadeiro renascimento administrativo e cultural através dos limites do Ocidente continental. O sistema de cunhagem de moedas foi padronizado, e recuperado seu controle central. Em muito próxima coordenação com a Igreja, a monarquia carolíngia patrocinou uma renovação da literatura, filosofia, arte e educação. Missões religiosas eram enviadas às terras pagãs além do Império. A grande nova zona de fronteira da Germânia, ampliada pela sujeição das tribos saxônicas, pela primeira vez foi cuidadosamente atendida e sistematicamente convertida – um programa facilitado pela mudança da corte carolíngia mais para o leste, em Aachen, a meio caminho entre o Elba e o Loire. Além disto, uma rede administrativa elaborada e centralizada desceu sobre toda a massa, da Catalunha a Schleswig e da Normandia à Estíria. Sua unidade básica era o condado, derivado da velha civitatis romana. Nobres de confiança eram nomeados condes com poderes judiciais e militares para governar estas regiões, numa clara e firme delegação de autoridade pública, revogável pelo imperador. Havia uns 250 a 350 destes agentes pelo Império;

eles não tinham salário, mas recebiam uma porção dos rendimentos reais locais e dotes em terras nos condados.

"[...] (também existiam) os missi dominici, uma reserva móvel de agentes imperiais diretos enviados como plenipotenciários para lidar com problemas especialmente difíceis ou reclamações em províncias distantes. Os missi se tornaram uma instituição regular a partir do ano 802. [...] Foram eles que no princípio garantiram a integração efetiva da imensa rede cortesã. Passou-se a fazer um uso crescente de documentos escritos, em esforços para melhorar as tradições de total iliteralidade herdada dos merovíngios. Na prática, sempre havia brechas e atrasos neste maquinário, cujo funcionamento era sempre extremamente lento e desajeitado [...]. Contudo, dadas as condições da época, os objetivos e a escala dos ideais administrativos carolíngios foram uma realização formidável." (ANDERSON, 1987, p. 132).

Dissemos no começo da nossa aula que os francos ocuparam inicialmente o Nordeste da Gália e dali foram aos poucos se espalhando por seu território, sem provocarem nos romanos locais tanto antagonismo quanto o fizeram os povos bárbaros em outras regiões. Essa conciliação entre nativos e invasores foi importante para acelerar a fusão dos romanos com os francos.

Com sua conversão ao cristianismo o rei Clóvis também contribuiu para a fusão através do casamento entre pessoas dos dois grupos. "No Norte da Gália, na Toxandria, os francos que lá se haviam estabelecido, já em 358, formavam a maioria da população, mas, mesmo no Centro e Sul da Gália, o casamento entre francos e celta-provinciais ocorreu a partir do século V. A conversão de Clóvis ao Cristianismo ortodoxo pouco depois de 493, removendo a animosidade religiosa entre conquistador e conquistado, tornou possível esse casamento". (HODGETT, 1975, p. 16).

Outra medida adotada pelos francos e que contribuiu para sua fusão com os romanos diz respeito às leis. Enquanto outros povos ainda adotavam dois tipos de legislação – uma aplicável aos germânicos e outra aos romanos, "os reis merovíngios promulgaram leis aplicáveis tanto a seus súditos germânicos quanto galo-romanos, o que favoreceu o desaparecimento rápido das diferenças entre eles a partir de fins do século VI, embora somente 200 anos mais tarde os súditos de Carlos Magno reconhecessem uma lei reformada que ainda continha os elementos dos códigos tribais. Por esse época, entretanto, a lei definida nas capitulares desempenhava papel tão proeminente que as diferentes posições dos romanos-provinciais e homens das tribos germânicas haviam virtualmente desaparecido". (HODGETT, 1975, p. 19).

Com a redução do antagonismo com os nativos e a adoção de medidas que facilitaram sua fusão com os invasores, os reis francos criaram condições para a restauração da unidade e do Império do Ocidente. Contudo, após a morte de Carlos Magno "a unidade interna do Império logo desmoronou, entre guerras civis de sucessão e a crescente regionalização da aristocracia que o mantivera coeso. Uma precária divisão tripartite do Ocidente ocorreu.

Ataques externos inesperados e selvagens, de todos os pontos cardeais, por mar e por terra, por invasores vikings, sarracenos e magiares, pulverizaram então todo sistema para-imperial de governo cortesão que permanecia.

[...] A estrutura política centralizada legada por Carlos Magno desagregou-se. Por volta de 850, os benefícios eram hereditários virtualmente em todas as partes; por 870, os últimos missi dominici haviam desaparecido; pelo ano 880, os vassi dominici estavam sujeitos a potentados locais; por 890, os condes já haviam se tornado senhores regionais hereditários. Foi nas ultimas décadas do século IX, quando bandos vikings e magiares assolavam o continente na Europa Ocidental, que o termo feudum (feudo) entrou em uso.

O RENASCIMENTO CAROLÍNGIO

O Renascimento carolíngio foi resultado de uma serie de pequenos renascimentos que, depois de 680, tinham se manifestado em Corbie, Saint-Martin de Tours, Saint-Gall, Fulda, Bobbio, York, Pavia e Roma. Foi um fenômeno brilhante e superficial destinado a satisfazer as necessidades de um pequeno grupo aristocrático de acordo com a vontade de Carlos Magno e seus sucessores e com a hierarquia eclesiástica: melhorar a formação dos quadros laicos e eclesiásticos do grandioso e frágil edifício carolíngio.

No entanto, o Renascimento carolíngio foi uma etapa na constituição da instrumentalização intelectual e artística do Ocidente medieval. Os manuscritos corrigidos e melhorados dos autores antigos puderam servir mais tarde à nova difusão de textos da Antiguidade. Obras originais vieram constituir uma nova camada de saber após a da Alta Idade Média, sendo colocada à disposição dos clérigos dos séculos posteriores.

[...] Aureolados pelo prestigio de Carlos Magno, o mais popular dos grandes homens da Idade Média, os autores carolíngios fornecerão uma das camadas das “autoridades” intelectuais da mesma maneira que alguns monumentos da época serão modelos frequentemente imitados – como a célebre capela palatina de Aix.

Malgrado suas realizações tenham ficado muito longe de suas aspirações e de suas pretensões, o Renascimento carolíngio comunicaria aos homens da Idade Média algumas paixões salutares: o gosto pela qualidade, pela correção textual e pela cultura humanista, mesmo que grosseira, e a idéia de que a instrução é um dos deveres essenciais e uma das forças principais dos Estados e dos príncipes. Além disso, ele produziu autênticas obras-primas, como as miniaturas nas quais reaparecem o realismo, o gosto pelo concreto, a liberdade do traço e o brilho da cor.

> Olhando-as, compreende-se que, depois de ter sido demasiado indulgente, não se deve agora ser muito severo com o Renascimento carolíngio. Tal qual o desenvolvimento econômico dos séculos 8º e 9º, ele foi, sem duvida, um arranque abortado ou prematuramente interrompido. Mas foi, na realidade, a primeira manifestação de um renascimento mais longo e mais profundo que se afirmou do século 10º ao 14. (LE GOFF, 2005, p. 121-122)

Carlos Magno aprendeu a ler e a escrever muito tarde. Apesar disso, não hesitou em usar seu poder e influência para promover as artes e as ciências de seu tempo. Esses trabalhos em ourivesaria — o cálice de vinho e a patena para a hóstia — revelam o espírito do Renascimento Carolíngio, fortemente marcado pelo ideal cristão.

(Fonte: ARRUDA, José Jobson. História integrada. v. II - São Paulo: Ática, 1995. p. 24).

CONCLUSÃO

Participantes do movimento migratório de povos bárbaros que a partir do século III fragilizou o Império Romano com o cerco das suas fronteiras, os francos se estabeleceram inicialmente no Norte da Gália, onde, em meados do século seguinte, formavam a maioria da população.

No final do século V, iniciaram fase de expansão sobre territórios vizinhos, beneficiados, principalmente, pela conversão do rei Clóvis ao catolicismo.

Depois de lançar as bases para a hegemonia franca sobre a Europa Ocidental a dinastia merovíngia foi substituída pela dinastia carolíngia à frente do governo. Foi então que, sob a liderança de Carlos Magno, os francos consolidaram o poder e conseguiram restaurar o Império Ocidental que havia desaparecido no século V.

O desmembramento do Império após a morte de Carlos Magno e a crise provocada por novas invasões nos séculos IX e X, aceleraram o desenvolvimento das instituições feudais no Ocidente europeu.

RESUMO

"Entre o início do século 5º e o fim do século 8º a invasão dos Bárbaros modificou o mapa político do Ocidente – que se mantinha sob a autoridade nominal do imperador bizantino." Na aula em que estudamos os bárbaros vimos que, após o período do movimento migratório mais intenso, as diferentes tribos, dentre elas as dos francos, foram se fixando em áreas do Ocidente europeu.

Os Estados germânicos que foram se organizando precariamente eram autônomos entre si, enquanto imperadores bizantinos se viam como autoridade de todo o território que tinha sido do Império Romano, conforme afirma Le Goff.

Após se instalarem no território que hoje, grosso modo, corresponde ao da França, os francos começaram a investir sobre os povos vizinhos. Beneficiados pela aliança com a Igreja, pela fusão com os romanos e pela fraqueza e desorganização dos opositores, foram reconstituindo a unidade Ocidental, de forma que a coroação de Carlos Magno, no ano 800, marca também a restauração do Império Romano do Ocidente.

À frente do governo do Império Carlos Magno dividiu o Reino em condados. Nomeou marqueses ou duques para administrar as regiões de fronteiras e pessoas – os missi dominici – para percorrerem o Império colhendo informações sobre a administração dos domínios. Mandou organizar as primeiras leis escri- tas da Idade Média e integrou Igreja e Estado sob seu comando.

Mas a unidade do Império não sobreviveu à morte de Carlos Magno. A divisão do seu território em três partes administradas pelos filhos do imperador, coincidindo com as chamadas últimas invasões provocadas pelos húngaros, normandos e sarracenos e que criaram o ambiente favorável para o florescimento do feudalismo, como veremos na disciplina de História Medieval II.

No decorrer do século X os carolíngios foram sendo substituídos por outras dinastias no governo das três partes desmembradas do Império criado por Carlos Magno. Na França oriental isso aconteceu em 911, quando duques locais fundaram o Reino Germânico. Em aliança com a Igreja e prestigiado após derrotar os húngaros na sua tentativa de invadir o Reino, o rei Oto I foi sagrado no ano 962 imperador do Sacro Império Romano-Germânico, o qual durou até 1806. Seguindo o exemplo de Carlos Magno o imperador Oto transformou o controle político da Igreja numa das mais importantes marcas do império Romano-Germânico.

ATIVIDADES

1. Escreva um pequeno texto falando sobre a importância que representou para o Reino dos Francos a conversão do rei Clóvis ao catolicismo.
2. Compare os dois trechos que tratam do Renascimento Carolíngio e anote diferenças e pontos em comum entre eles.

PRÓXIMA AULA

Na próxima aula estudaremos de maneira mais detalhada as chamadas últimas invasões, empreendidas pelos povos húngaros, normandos e sarracenos.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Perry. **Passagens da Antiguidade ao Feudalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1987.
HODGETT, Gerald A. J. **História social e econômica da Idade Média**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.
LE GOFF, Jacques. **A civilização do Ocidente Medieval**. Bauru, SP: EDUSC, 2005.
LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. v. 1. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002.
PEDRERO-SÁNCHEZ, Maria Guadalupe. **História da Idade Média: textos e testemunhas**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
PERROY, Édouard. **Preeminência das Civilizações Orientais**. In: CROUZET, Maurice. **História Geral das Civilizações**. v. 1. Tomo III. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1964.
Atlas da História do Mundo. Folhas de São Paulo.